

Olive Siga a Borboleta – parte 3



Olive ainda estava próxima ao mar e, por isso, a cada passo, seus sapatos se sujavam com o lodo em que pisava. Lembrou-se que sua mãe não perdoava quem chegasse com os sapatos sujos em casa, e preferiu parar ao lado de uma grande e velha árvore para tentar limpá-los.

Enquanto esfregava o calçado numa das grossas raízes expostas, não viu quando um rosto formou-se no topo do caule da árvore, enxergando a menina com olhos disformes e tentando falar com uma boca exageradamente grande.

— Você veio procurar a rainha. — afirmou; mas Olive entendeu como a uma pergunta.

— Não, não vim não. — e respondia ao mesmo tempo em que se afastava da árvore, olhando lá em cima o rosto que a fitava. — Que rainha? Quem é você? Pode me dizer onde estou?

— O espírito da árvore não tem essas respostas para você. — disse ele, com um sorriso cínico enorme, fitando-a como um predador a uma presa — A única resposta que o espírito da árvore tem é onde se encontra a rainha.

Olive começou a sentir-se atraída pela árvore, por mais que não tivesse nenhum interesse na informação que ela tinha para dar. A árvore abriu mais ainda seu sorriso, porque Olive começava a aproximar-se novamente. Mas foi quando as três borboletas chegaram que a árvore parou de sorrir. A menina tinha a impressão de que elas a chamavam, como a uma mãe preocupada, e que todas as vozes ecoantes vinham daqueles três insetos coloridos.

Eram as únicas criaturas que deixavam Olive feliz quando se aproximavam.

“Siga a borboleta. Siga a borboleta.”

E a menina deixou de dar ouvidos à árvore, dando mais importância ao aviso das borboletas. A árvore, é claro, não gostou nem um pouco, e amaldiçoou a presença daqueles três pequenos insetos.

Como não podia virar o tronco para acompanhar o caminhar de Olive, não pode ver quando a mesma chegou perto de uma pequena casinha de madeira, bem humilde, com chaminé. Ficava no meio de um campo cheio de lodo, onde a grama tinha parado de crescer. As borboletas se espalharam e deixaram Olive enxergar a porta. Ela não queria abrir por mais força que fosse feita. E só depois de diversas tentativas, empurrando-a até mesmo com o ombro e com o pé, foi possível desemperrá-la.

Nada valera muito o esforço. Nada havia do lado de dentro da casa. Nada além de uma menina de longos cachos loiros sentada num cantinho, abraçando os próprios joelhos, tremendo de frio — ou de medo. Parecia ter a mesma idade que Olive tinha.

— Oi. — disse Olive ao se aproximar de mansinho; não queria assustá-la
— Com licença.

Assim que notou Olive ali, a menina de cachos loiros levantou abruptamente a empurrando de volta até a saída.

— Não! Não! Saia daqui, senão ela virá buscar você!

— O quê? Quem?! — Olive perguntava, e sem resposta nenhuma, logo já estava de volta à porta — Só quero saber onde estou!

De relance foi que Olive viu, num outro canto da casinha, manchas vermelhas vindo doutro cômodo. Não queria imaginar o que poderia ser aquele vermelho. Passou a odiar aquela cor.

Um terror a envolveu quando pode ver que estranhas sombras vinham do céu cinzento para cobrir a casa de madeira. Todas as janelas se quebraram com alguma pressão estranha, e numa delas foi que um vulto vermelho saltou e entrou, envolvendo a menina de cachos loiros. Uma forte ventania começou, e a porta por onde Olive assistia a tudo foi fechada com muita força, assustando-a demais. Não pode mais ver o que aconteceu com a menina loirinha, apenas quando os ventos cessaram nos segundos seguintes, junto com as sombras do céu. A porta, agora com a fechadura quebrada, rangeu enquanto abria sozinha, lentamente. E foi pela sua brecha que Olive pode ver o que permaneceu no lugar da menina: uma maçã vermelha.

Perto das madeiras destruídas, cacos de vidro e terra molhada, o coelho branco saiu, cavando seu caminho entre as partes da casa, sem se machucar. Assim que viu a maçã, a cheirou. A cheirou mais um pouco. Agarrou a fruta e fugiu pelos destroços.